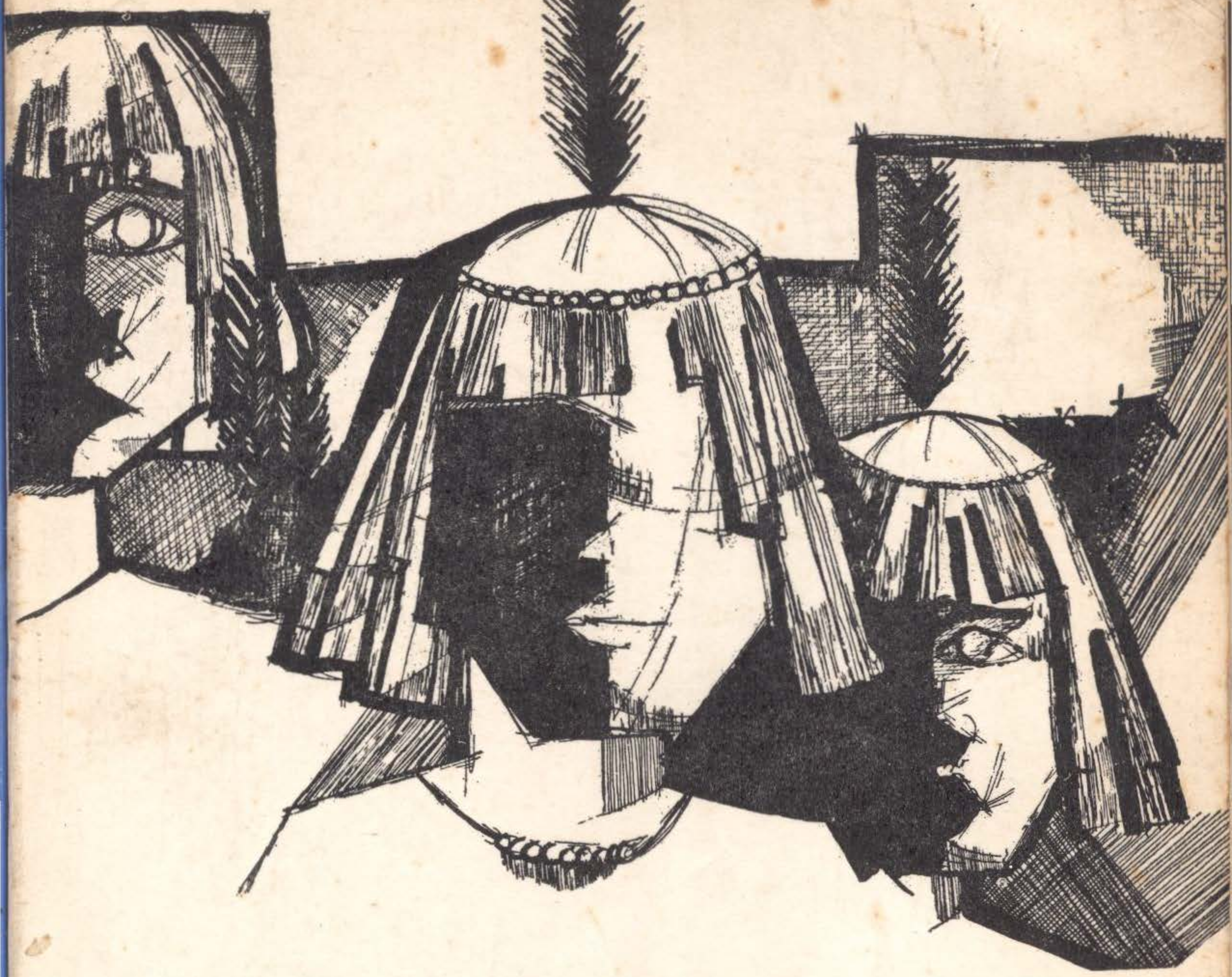


ANAIS

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROS

80

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DOM BOSCO

ANAIS DO II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROS

18 a 22 de outubro de 1977
Santa Rosa — RS

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

OS ÍNDIOS DA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI. OS CHARRUA E MINUANO: SEU HISTÓRICO, ABASTECIMENTO E ASSENTAMENTO. SUA RELAÇÃO COM AS FRENTES EXPANSIONISTAS

Ítala Irene Basile Becker (*)
Juana Paris de Cabey (**)

O trabalho resumido, que apresentamos nesta palestra, em colaboração ao Simpósio de Estudos Missioneiros, não visa a discussão do problema das Missões como tal. Nosso objetivo é mostrar a localização e situação primitiva dos grupos da Banda Oriental do Uruguai no início da fase missioneira; a sua transformação em função das diferentes frentes de penetração e expansão branca; a sua decadência e desintegração diante dessas frentes.

Tomamos essa posição com vistas à história das populações indígenas do Sul e também como um aporte para a arqueologia e Pré-História da área em questão.

Os índios da Banda Oriental

Os índios da Banda Oriental, para nós delimitada pela atual República Oriental do Uruguai e Parte do Rio Grande do Sul, até aproximadamente o Rio Camaquã, eram os Chaná-Timbu, os Charrua e os Guarani.

Os Chaná-Timbu — Existentes no Século XVI, dividiam-se em 10 parcialidades: os Mepeme, os Mocoretá, os Calchine, os Quiloaza, os Coronda, os Timbu ou Atambure, os Carcará, os Chaná-Timbu, os Chaná-Baguá e os Chaná.

Os Charrua — Extintos em meados do século XIX compreendiam os Charrua, os Minuano, os Bohane, os Yaro, os Martidan e os Guenoa na porção correspondente ao Rio Grande do Sul e Uruguai; os Guarantiran, os Balomar, os Manchado e outros na Argentina.

(*) Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS, São Leopoldo; Departamento de Assuntos Culturais — SEC, Porto Alegre; Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.
(**) Universidade de la República, Faculdad de Humanidades. Montevideu, Uruguay.

Os Guarani — Também divididos em várias parcialidades, habitavam as ilhas do Delta do Paraná, as margens do Rio Uruguai e várias de suas ilhas.

Os diferentes períodos

Tomando em consideração as diferentes frentes de penetração e expansão européia, estabelecemos, com uma certa flexibilidade, três períodos cronológicos para os Grupos Charrua e Minuano, que são o objeto de nossa palestra.

I Período: Século XVI — Período de descobrimento e primeiros reconhecimentos; é o século de vida indígena praticamente sem contato.

II Período: Século XVII e XVIII — Período de expansão, de fixação e de colonização; é o período de vida indígena em transformação; de esplendor num primeiro momento e de decadência em continuação.

III Período: Século XIX — Período da Independência política, da estabilidade; é o momento de desintegração e extinção de vida indígena.

O Século XVI

É o período do Descobrimento, das primeiras entradas e explorações por parte das Coroas de Portugal e Espanha. Para então, desde 1515 até 1537, temos as primeiras e únicas informações dos cronistas e viajantes para os índios do litoral platense que são vistos, e note-se bem, no verão e só no litoral. (Ver mapas).

Este período se caracteriza por uma vida indígena apenas em "contato intermitente" com o branco segundo Darci Ribeiro.

A partir de inícios do Século XVI se sucederam com certa assiduidade "os viajantes" que observaram vários grupos indígenas.

Através das explorações dos navegadores se dão os primeiros contatos índio-branco. O primeiro grupo indígena de que se tem notícia para a Banda Oriental é o Guarani. Ele é localizado em 1515-1516 no Rio Uruguai, em frente ao atual Departamento de Colônia. Os Guarani são localizados pelo próprio descobridor do Rio da Prata, Juan Dias de Solis; habitavam as ilhas do Delta do Paraná e desciam até as margens do Rio Uruguai.

Em 1531, são localizados mais dois grupos por Pero Lopes de Souza, que os descreve em seu Diário de Navegação; o primeiro grupo são os Chaná-Timbu no litoral do atual Departamento de San José, entre os rios San Gregório e Pavón. Nas proximidades do

Arroio Solís Grande ou Arroio dos Beguais é localizado o grupo dos Chaná-Beguá.

Estes dois grupos, Guarani e Chaná (com as parcialidades Chaná-Timbu e Chaná-Beguá) se caracterizam por serem agricultores. São estes índios os que vão ser aldeados em Missões pelos jesuítas e outras ordens religiosas.

Estes dois grupos, Guarani e Chaná (com as parcialidades Chaná-Timbu e Chaná-Beguá) se caracterizam por serem agricultores. São estes índios os que vão ser aldeados em Missões pelos jesuítas e outras ordens religiosas.

O terceiro grupo localizado na Banda Oriental é o Charrua. Estes índios são vistos, em 1526, por membros da expedição de Gaboto em dois lugares: no Cabo de Santa Maria, atual Punta del Este e no Rio San Gabriel, no atual Departamento de Colônia. A partir deste momento o Charrua é localizado por vários viajantes que, como o próprio Diego Garcia de Moguer, os localiza no Cabo de Santa Maria, Pero Lopes de Souza em 1531, Ulrico Schmidel e Rui Dias de Gusman em 1535, são localizados nas Costas de San Gabriel, (Departamento de Colônia), por Diego Garcia de Moguer e Gonçalo Fernandes de Oviedo; em 1537 são localizados na mesma área por Barco Centenera da expedição de Ortiz de Zárate.

Este grupo Charrua se caracteriza por não ter agricultura; é caçador-pescador-coletor e, por suas características sócio-culturais próprias, não se submete às Missões.

A vida Charrua — De acordo com as informações conseguidas para este século, podemos apreciar o Charrua em sua vida praticamente indígena, pois a penetração branca não se iniciou. Ressalte-se, porém, que os contatos interétnicos são esporádicos; de um destes resultou a introdução, não intencional, do cavalo por ocasião da morte de Solis, em 1515-1516, na Ilha de Martin Garcia (fronteiro ao Departamento de Colônia). Não temos informações sobre a possível influência do cavalo na vida indígena para este período, século XVI. (Também não temos informações sobre os índios Minuano).

Abastecimento — Deve ser considerado sob a caracterização conceitual de Darci Ribeiro, isto é, de vida indígena em "contato intermitente" (Veja-se Basile Becker e Paris de Cebey, 1977, Quadro I).

Nesse Quadro podemos ver os Elementos nativos e os Elementos de origem branca com as suas respectivas subdivisões; a ecologia, a forma de obtenção e utilização dos alimentos, os instrumentos usados, a locomoção e transporte, a utilização dos recursos, a preparação dos alimentos (com divisões de tarefas) e a forma de consumo. Resumindo o Quadro, entre os elementos nativos, temos que a alimentação charrua basicamente é constituída pela carne de caça de ma-

míferos, recursos disponíveis durante todo o ano, assim como também de avestruz; da pesca disponível na primavera e verão, período de desova, quando o peixe é de fácil apreensão. Completam a sua dieta com parcos alimentos vegetais constantes de frutos não especificados, alguns tubérculos e pequenas cebolas.

O junco figura no quadro por ser usado para a construção das choças e como matéria-prima para a confecção de armas e utensílios.

Com relação a utilização dos recursos, além de formarem uma dieta básica, alguns subprodutos, como o couro, as penas e outros, são usados no vestuário, na arte plumária, etc.

Com relação aos elementos de origem branca, transformados, só temos a seguinte informação: "(...) Hizole dar Magallanes una camiza y un gabancillo de paño colorado, que, lo vestieron (...)". Não sabemos donde conseguiam o algodão ou o tecido; não há nenhuma informação sobre o seu cultivo neste período. O assentamento — Quase nada sabemos sobre o ambiente em que vivem. Os cronistas só os encontram no litoral e no verão. "(...) hacía mucho viento y mucha mar, diz Lopes de Souza, y ellos me hacían señas para que entrasse en un río que estaba junto de sus tiendas, "(...) no fui a sus tiendas que se veian en una playa frente a la cual estaba porque faltaba poco para el anochecer;".

O mesmo autor informa sobre uma relativa mobilidade Charrua dizendo que costumam dormir no campo onde a noite os encontra, informação que também é feita por outros autores.

Nesse ambiente os Charrua levantam as suas choças feitas de esteiras, talvez tipo paravento, ou pequenas choças quadradas, formadas por quatro esteiras de junco e sem cobertura. Essas casas ou "toldos" se agrupavam formando as "tolderias". Estas, ao que parece, não eram muito pequenas porque as informações dos cronistas fazem menção a muitas casas de índios que, com admiração, viam passar os navios.

Uma destas aglomerações, localizada nas proximidades do Rio San Juan, reunia 600 homens, conforme o mesmo Lopes de Souza. Numa outra informação para 1535 se fala em 2000 homens localizados no Rio da Prata.

Agrupados em toldeiras, tinham uma organização social a partir da família, e, possivelmente, sob a chefia de caciques, ainda que para este período não tenhamos dados claros.

Cabe fazer aqui uma ressalva quanto a mobilidade charrua colocada por alguns autores como "nomadismo". Esta deve ser encarada em função da busca de recursos estacionais, num primeiro momento como bem coloca Acosta y Lara. "(...) viviam en perpetuo nomadismo, regido este ya fuera por la extinción local de las especies zoológicas estables, como por el seguimiento de las que se

desplazaban obedeciendo a razones de orden climatérico o biológico, sequias, fructificación de los grandes palmares, etc. (...)". Num segundo momento a mobilidade deve ser encarada em função das próprias frentes de penetração branca.

Os séculos XVII e XVIII

É o período que se caracteriza pela introdução do gado eqüino e bovino; pela colonização e povoamento. É uma situação de "contato permante" que se faz por três frentes de expansão:

— A catequese dos índios; são as Missões dos Guarani e as tentativas de redução com os Chaná e os Charrua.

— O avanço do gado, por espanhóis e portugueses; é o estabelecimento das Vaquerias e das Estâncias;

— A fixação do território com o povoamento militar (Colônia do Sacramento, Forte de Rio Grande e outros); início do povoamento por agricultores (colonização açoriana).

A conseqüência disso é a regularização política da situação pelos tratados de limites (Madrid 1750; El Pardo 1763; Santo Ildefonso 1777). (Ver mapas).

Todas estas frentes de expansão atuam diretamente na vida indígena modificando a sua situação que, num primeiro momento, se pode resumir como de expansão por causa das Missões dos Guarani, da cria, apreensão e comércio de gado que vai marcar o período auge. Num segundo momento essa mesma situação leva os índios a uma mobilização ou migração por fuga, ao acantonamento ou interiorização que vai resultar em lutas, correrias e ataques ao branco; ao roubo do gado e dos produtos manufaturados. É o período de resistência e de luta para sobreviver.

A resposta do branco para o problema que se instalou é o combate ao índio; estes, Charrua e Minuano, aliados já desde inícios do Século XVII, se torna um insubmisso, um indesejável.

A catequese: 1ª frente — A catequese dos grupos indígenas se dá através de várias ordens. Ao norte, sobre o Rio Uruguai, os Missionários jesuítas fundam, a partir de 1626, uma série de povos em continuidade com os do Paraguai e da Argentina. Ao sul da Banda Oriental, também a partir de 1626, se produz uma série de intentos de catequese dos índios por parte de outras ordens como Franciscanos, Dominicanos e Mercedários.

Entre 1625-1626 se consegue aldear um grupo de Charrua na Ilha de Vizcaíno (confluência do Rio Negro com o Rio Uruguai) por ordem do Governador de Buenos Aires, Juan de Céspedes, na redução conhecida como San Francisco Olivares de los Charrua, a cargo de freis franciscanos. Pelo mesmo tempo se estabelece nas

terras de San Gabriel uma redução de índios Chaná, conhecida como San Antonio de los Chaná e que logo em seguida passou a chamar-se San Juan de Céspedes, também a cargo de franciscanos.

Não se sabe bem em que momento ambas as reduções deixaram de existir, mas sabe-se que já em 1828 não existiam mais.

No ano de 1661, na Ilha de Vizcaíno, surge a Doutrina de San Francisco de Rivas Gavilán, com índios Guarani, vindos de São Paulo perseguidos pelos bandeirantes paulistas. A dita doutrina foi denominada de San Miguel del Río Negro e esteve a cargo do frei mercedário Rivas Gavilán. Sucumbiu por volta de 1664 atacada por índios Charrua.

Outro estabelecimento, o mais importante, é o de Santo Domingo Soriano. Fundado às margens do Rio Yaguarí Miní, ao redor de 1664, na costa argentina, foi trasladado, possivelmente em 1702, para o território uruguaio; primeiro se fixou na Ilha de Vizcaino e depois em terra firme. Os índios reduzidos foram principalmente Chaná e o doutrinante o frei dominicano Antonio Juarez. A importância desta doutrina reside no fato de ter dado origem ao povo mais antigo do território uruguaio.

A introdução do gado: 2ª frente

O primeiro gado introduzido na Banda Oriental foi o gado eqüino, mas, de forma não premeditada como já o referimos para o período anterior. Nessa ocasião, 1516, ficaram algumas rezes na Ilha de Martin Garcia. Posteriormente, 1574, foi introduzida uma partida de cavalos em frente a San Gabriel (Departamento de Colônia), por Juan de Geray, que vinha socorrer a expedição de Ortiz de Zárate. Com a fundação de San Salvador, no mesmo ano, é trazida nova remessa de cavalos.

Não se sabe o momento exato em que o indígena começou a fazer uso do mesmo mas sabe-se que, no início do Século XVII, já tinham cavalos, como informam vários autores.

O segundo tipo de gado introduzido na Banda Oriental é o bovino. É uma introdução premeditada e se faz em três oportunidades: em 1611 é introduzido na Ilha de Viscaíno por Hernandárias; em 1616 é introduzido também por Hernandárias um lote que veio do Paraguai. Esta segunda remessa foi distribuída em duas partes; uma iria povoar a Ilha de Viscaíno e a segunda a região do Rio San Gabriel, no Departamento de Colônia. Um terceiro lançamento foi realizado por missionários jesuítas, por volta de 1635, para povoar as zonas missioneiras; este gado, em sua descida rumo ao sul, passou a ocupar as terras compreendidas entre os rios Negro e Uruguai.

O gado introduzido por Hernandárias se expandiu em direção ao leste formando a grande reserva ganadeira que vai desde San

Gabriel até as planuras do Departamento de Rocha (ambos no Uruguai) e o Rio Jaguarão, no limite com o Rio Grande do Sul, formando a reserva que se conheceu como Vacaria do Mar. Também aí se introduziu o gado das Missões e alguns autores dizem terem sido os Minuano os condutores das rezes.

O gado lançado pelos missionários passou a formar parte, ao norte do Rio Negro, das Estâncias Missioneiras.

Devemos considerar entretanto que o gado em si não é uma forma de penetração, mas que quem realmente aparece no território por trás do gado é o Homem. Quem vai povoar os campos são os "faeneros" e changadores". Os "faeneros" são autorizados pelo Cabildo de Buenos Aires para realizar as suas extrações de gado e os "changadores" são elementos que realizam as extrações de gado sem autorização; os faeneros e changadores muitas vezes se aliam aos Índios Missioneiros e aos Minuano para contrabandear gado com os portugueses, franceses e ingleses.

Por acordo de 1772, entre o Governo de Buenos Aires e a ordem dos jesuítas, o gado localizado ao norte do Rio Negro passou a pertencer às Missões jesuítas (Estâncias do Yapeyú e São Borja) e o do sul e leste do Rio Negro pertenceria a Buenos Aires. Ficou assim, pois só uma terra neutral entre os rios Yi e o Negro onde o gado foi disputado mais tarde pelos missioneiros, pelos moradores de Montevidéu e pelos portugueses que desciam de Viamão e Rio Pardo; é por esse corredor livre que os Minuano vão se movimentar até alcançar o Rio Camaquã.

Dessa forma e como bem o diz Campa, "fué el ganado la causa de la primer división administrativa de la Banda Oriental".

Os centros povoados — 3ª frente

A ocupação definitiva do território indígena da Banda Oriental pelo branco, se inicia, como já dissemos, com os fortes militares. Já a partir do século XVI, no atual território do Uruguai, se deu uma série de intentos ainda que sem êxito. Referimo-nos a San Salvador (1528-1542); San Juan (1542); San Lazaro (1572) e Ciudad Zaratina de San Salvador (1577) que desaparecem de imediato ou pouco depois de sua fundação.

Os estabelecimentos militares somente vão se firmar com a fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, pelos portugueses; é ela que vai originar o conflito permanente entre Portugal e Espanha com o envolvimento dos grupos Charrua e Minuano.

Como resposta a essa ocupação dos portugueses, os espanhóis iniciam, em 1723, a fundação da Cidade Fortaleza de San Felipe de Montevidéu, cujo processo fundacional termina somente em 1726. Pela mesma época João de Magalhães estabelece o caminho entre

Laguna e a Colônia do Sacramento, palmilhando-se assim, praticamente, as terras ocupadas pelas Vacarias do Mar.

Em continuação, os portugueses respondem novamente ao avanço espanhol com a fundação do Forte de Rio Grande, 1737. Continuando com uma política de colonização e já não só através dos fortes militares, a Colônia portuguesa funda em 1740 e 1741 Santo Antônio e Viamão, centros criados em torno da exploração de gado. A colonização luza, propriamente dita, começa em 1742, com a fundação de Porto Alegre pelos açorianos.

Para por cobro à situação criada pela Colônia do Sacramento entre Portugal e Espanha, se realiza em 1750, o primeiro tratado de limites, o Tratado de Madrid. Por ele a Colônia do Sacramento passa ao domínio da Espanha e as Missões Orientais ao de Portugal. Com a demarcação do Tratado de limites começa a penetração para o interior e com isso os fortes na fronteira como o de Santa Tereza, Santa Tecla e a maior movimentação indígena.

Por causa da reação ocasionada nos Sete Povos das Missões e a sua negatividade em passar ao domínio português, em 1763 se realiza outra tratado, o de El Pardo, pelo qual a situação volta ao status quo anterior a 1750.

As contínuas campanhas espanholas contra as povoações portuguesas de Rio Grande e inclusive a ocupação da Ilha de Santa Catarina, dão origem ao terceiro Tratado, o de Santo Ildefonso, em 1777. Por ele Portugal recupera Santa Catarina e Rio Grande, enquanto que as Missões e a Colônia do Sacramento passam novamente para a Espanha.

Este conflito, no qual as duas coroas disputam a sua área de penetração, se encerra com a definitiva ocupação das Missões por parte dos portugueses e m1802, com uma nova alteração da fronteira.

Enquanto ocorrem estas disputas territoriais, e desde antes, uma série de instâncias começam a povoar o território. Na parte correspondente à Colônia do Sacramento, no litoral do Rio Uruguai se estabelecem várias estâncias; da mesma forma na parte correspondente a Santo Domingo Soriano. Na jurisdição de Montevidéu se estabelecem as estâncias dadas aos povoadores do lugar, ao Cabildo e as correspondentes ao Rei. Também aparecem estâncias na jurisdição de Maldonado.

Dessa forma a ocupação do território se faz por meio de uma delimitação cada vez menor da área geográfica livre, quando as estâncias são percorridas por uma peonagem disposto a evitar que os contrabandistas penetrem nelas tão facilmente. Com isto, os índios, antes donos absolutos do território e do gado que nele se criava, começam a ver cada vez mais reduzido o seu campo de ação na Banda Oriental do Uruguai.

O contato índio-branco, antes intermitente, se faz agora permanente e o índio começará a perceber que já não é mais o dono absoluto do território. Reagirá de forma violenta ante o conquistador; se converterá num açoite constante das distintas povoações brancas; saqueará e roubará estâncias em busca não só do gado, mas sim, e especialmente, de erva-mate e fumo na zona missioneira de Yapeyú, São Borja, etc. Serão os Charrua e os Minuano, unidos, os que a qualquer preço impedirão a fixação dos espanhóis na Baía de Montevidéu até que se estabeleça a Paz de 1732.

Se fossemos caracterizar este período, somente o poderíamos definir como o de reação das etnias indígenas contra o branco, que pouco a pouco se vai afirmando em um território que até a pouco não lhe pertencia.

Os grupos mais fortes neste momento e que levarão adiante essa luta são os Charrua e os Minuano que, aliados, impedirão a fixação do conquistador branco.

Ambos os grupos atacarão reiteradas vezes as povoações brancas missioneiras ou não. Esse tipo de reação vai dar lugar a que se se realize, por parte de um exército, formado por espanhóis e índios missioneiros, uma campanha de extermínio contra os Charrua e os seus aliados, o que termina com o episódio sangrento de 1702, conhecido como a Batalha del Yi. Em 1749 se pode citar um ataque índio a Santo Domingo Soriano com o revide branco das forças de Zavala; em 1750 temos a chamada Guerra Guaranítica e assim sucessivamente.

Vários são os Documentos que informam sobre o deslocamento das parcialidades Charrua e Minuano em direção à zona do Litoral, povoadas por estâncias, para ali realizarem o saque e o roubo.

Podemos resumir que, durante esse período, Séculos XVII e XVIII, a vida indígena é um contínuo ataque e enfrentamento com o branco. Essa luta indígena, entretanto, é inglória porque o branco já é praticamente o dono absoluto de seu território; já se apoderou dos melhores campos, e um exemplo disso são as rinconadas (enormes extensões de terras irrigadas por rios e arroios) boas para a reprodução abundante do gado.

Uma das conseqüências desse enfrentamento índio-branco é a maior fusão entre os índios, de sorte que, a partir de 1730, os Minuano e Charrua fazem aliança e desde então se fala indistintamente de um e de outro. A caminho de sua extinção, os grupos se mesclam cada vez mais, de modo que, ao chegar o Século XIX, não se pode mais distinguir com clareza a que parcialidade pertencem. Esta aproximação se faz também com os Guarani, aspecto que se pode apreciar muito bem na chamada Sublevação de Bela União, ainda que no século XIX.

A vida indígena Charrua e Minuano

A vida do índio, tanto do Charrua como do Minuano sofre neste período uma grande transformação, que é o resultado das distintas frentes de expansão branca antes colocadas.

Baseando-nos em Darci Ribeiro temos uma vida de "contato permanente" com o branco. O resultado desse contato podemos ver nos quadros que apresentamos em separado: Quadro 2a para os Charrua e Quadro 2b para os Minuano. (Veja-se Basile Becker e Paris de Cebey, 1977).

Permitimo-nos apresentar os quadros em separado porque, para os séculos XVII e XVIII, os dados são bastante claros e nos mostram diferenças sutis entre os dois grupos.

Antes de apreciarmos os Quadros chamamos a atenção para alguns aspectos fundamentais para os dois grupos:

— uma relativa permanência dos costumes e valores básicos dos grupos;

— A aquisição do gado, alçado num primeiro momento, e de cria, num segundo momento;

— a transformação de um índio caçador a pé, num índio cavaleiro, preador e comerciante de gado eqüino e bovino;

— uma modificação no sistema de vida indígena, a partir de sua economia básica pelo acréscimo dos elementos de origem branca.

Abastecimento Charrua — (Quadro 2a.) — Devemos observar que, para os elementos nativos, as informações para os Charrua são mais numerosas do que para os Minuano e que esses elementos permanecem com certo peso como bem o demonstram os quadros. O que podemos ressaltar é a aquisição dos elementos de origem branca.

A alimentação básica do período anterior permanece assim como também a forma de obtenção que no geral é feita pelo homem; o preparo é tarefa das mulheres, com exceção de alguns alimentos. O consumo varia de acordo com as disponibilidades.

As diferenças que se podem fazer com relação ao Século XVI e com o Minuano deste período são expressos pelo:

— uso da carne e ovos de perdiz — que são usados como alimento de luto (dos filhos pelo pai somente);

— uso do mel de abelha para elaboração de bebida fermentada.

Quanto ao que denominamos de elementos de origem branca, as modificações se fazem pela:

— aquisição do gado eqüino e bovino alçados inicialmente;

— preferência da carne de potro à de vacum nos primeiros tempos;

— cria do gado eqüino de utilização múltipla, além da específica de troca;

— uso da carne e do couro vacum como alimento, vestuário e habitação; (Não temos informação para o uso do couro do cavalo);

— instrumental referente ao trato com o gado (laço, bocal, freio, estribos, etc.);

— aquisição, pela apropriação, pelo roubo ou troca, dos materiais transformados de origem branca (fumo, cachaça, erva-mate, roupas, adornosh, etc.);

Abastecimento Minuano — (Quadro 2b) — O abastecimento Minuano referente à alimentação se resume, como para o Charrua, na aquisição de uma dieta animal. As diferenças com relação aos elementos nativos são:

— a carne do carcará (caça feita pelo homem);

— a inexistência de informação para o uso do peixe, da carne e dos ovos de perdiz;

— a migração estacional para a obtenção do mel (das Serras de Maldonado para as matas do Rio Negro);

— o uso da mandioca (única informação para alimento vegetal cultivado e preparado pelas mulheres, hábito que conseguiram dos Guarani das Missões).

Com relação aos elementos de origem branca, as modificações se produzem da mesma forma que para os Charrua assim como também a distribuição de tarefas homem-mulher.

O cavalo constitui também o elemento de troca mais importante para o Minuano: "(...) todo o cuidado e toda a sua propriedade são os cavalos, único negócio que tem para comprar aguardente, de que são muito apreciadores", diz Larrañaga.

O assentamento Charrua e Minuano — O ambiente preferido pelos Charrua e Minuano dos Séculos XVII e XVIII é o mesmo do período anterior. Aparecem mais informações sobre assentamento em campo aberto. Esta preferência pode estar ligada a uma migração estacional ou à própria condição em que é colocado neste momento, face à expansão branca.

Caracterizando o Charrua, no que concerne à sua mobilidade, alguns autores dizem que o seu caráter se revela mesmo em suas casas: estas são portáteis, formadas por quatro paus e débeis esteiras que armam onde a noite os vem encontrar.

Referindo-nos a transformação provocada pelo gado, temos informações para o Século XVII de que muitas tribos charrua, substituíram as esteiras de junco por couros de vaca que estendem sobre

três ou quatro estacas em forma de U invertido. Sua forma de construção não muda, mas sim muda o material de construção.

O modo de assentamento permanece como no Século XVI sob a forma de agrupamento em toldoarias chefiadas por caciques. As toldoarias se compõem de 10 a 12 ranchos; existe uma única informação para uma toldoaria formada de 100 choças, em 1717. O número de indivíduos varia, sendo de 500 a cifra máxima que registramos até o momento.

Com relação aos Minuano, o ambiente parece ser o mesmo; temos dúvidas quanto ao assentamento no mato. A forma da casa, o agrupamento em Toldoaria e a organização sócio-política é a mesma que para os Charrua.

Um dado novo e que bem nos permite avaliar a situação provocada pela criação do gado diz que o espaço entre uma e outra toldoaria varia de uma a duas léguas, esse espaço é suficiente para que cavalhada, muito numerosa de cada cacique, não se misture e cause confusão com as de outros caciques.

O Século XIX

É o período em que o gado é reunido nas "rinconadas" e estâncias e se combate violentamente o contrabando de animais. A população branca procura a estabilidade econômica e povoa o território inteiro de modo efetivo com a fundação de novas cidades. É o período de definição político-econômica, tendo em vista a Independência. (Ver mapas).

Com o advento do Século XIX os grupos indígenas estão em franca luta com o colonizador branco. Neste período, em que seu processo de deteriorização cultural é vertiginoso, em que adquirem como forma de vida o roubo e o assalto para a satisfação de suas necessidades vitais e de seus vícios, vêem-se envolvidos nas Guerras de Independência. Nelas atuam como aliados aos caudilhos de campanha, principalmente durante o Período Antiguista, de 1811 a 1829, nas campanhas de Rivera e Lavalleja.

Ressalte-se, porém, que embora pactuem com o branco, jamais se integram plenamente com este nem mesmo em campo de luta; continuam mantendo receio pelo branco, bem como determinados rasgos de sua personalidade.

A par das numerosas informações que permitem localizar os Charrua e Minuano participando das lutas da Independência, outras, muito importantes, os localizaram em distintas partes do território, geralmente atacando estâncias ou povoados. Por informações de Antonio Dias (1812), temos a localização de grupos Charrua no Dayman (Salto) assim como grupos que atacam na Costa do Santa Lucia Grande (proximidades de Montevidéu). Por sua vez, Larrañaga

nos localiza os Minuano no Rio Santa Lucia Chico, enquanto que, por volta de 1815, em pleno esplendor artiguista, são localizados nas cercanias de Purificação, povoado fundado por Artigas.

Depois de terminada a aliança com Artigas, que os passa a combater, os Charrua e Minuano continuam em sua luta; não mais voltarão a aliar-se com este, exceto com Rivera, e de forma mais esporádica, vindo mesmo a lutar com Lavalleja e na campanha farroupilha.

Por sua atitude combativa e pelo problema que passaram a ocasionar a partir do estabelecimento da Independência, criando verdadeiras dificuldades aos estancieiros, especialmente da jurisdição de Paysandu, fazem com que se tomem medidas enérgicas de extermínio a partir de 1832. Diga-se, porém, que antes fizeram-se novas tentativas para o assentamento dos índios restantes em centros agrícolas, mas sem resultados.

Assim, pois, em 1832 deu-se o Combate da Salsipuedes, sob o comando de Artigas; poucos foram os índios que sobreviveram ao ataque. Os que sobraram foram repartidos nas cidades, como serventes, ou passaram às estâncias, como peães das mesmas.

Abastecimento — A simples inversão do Quadro 3 (Basile Becker e Paris de Cebey, 1977), dispensa maiores comentáris. Os elementos de origem nativa relativos à alimentação se reduzem ao mínimo: avestruz e algum vegetal; os de origem branca crescem ao máximo.

Devemos considerar que o Charrua-Minuano têm agora no roubo aberto ou na prestação de serviços ao branco, a sua forma de abastecimento. Ela é agora força guerreira ou peão de estância.

A alimentação, entretanto, permanece basicamente a mesma; é representada pela carne de avestruz e gado. A carne de gado, como se disse, é adquirida por roubo quando emprestam resistência ou, por doação, quando participantes das forças governamentais ou aliados a outros grupos brancos.

A vida Charrua-Minuano, em grande transformação e decadência, tem nos elementos de origem branca o seu sustentáculo. Além dos elementos básicos ligados à alimentação e dos produtos transformados como o fumo, a erva-mate, a cachaça e até mesmo o vinho, os instrumentos de metal, os tecidos, as roupas, o poncho, etc. somam-se à sua cultura quer por doação, quer pela troca ou roubo.

Assentamento — O assentamento Charrua-Minuano com relação ao meio ambiente continua como nos períodos anteriores, salvo exceções. A forma de assentamento é a Toldoaria composta por toldos e com a mesma organização sócio-política. Chamamos a atenção que não temos informações sobre o uso do couro em suas choças mas sim da esteira de junco como no Século XVI. Quanto ao número de toldos existe uma variação entre 32 e 92 ranchos.

Concluindo, podemos dizer que o Índio da Banda Oriental do Uruguai, para nós representado pelos Charrua e Minuano, não fugiu ao processo de desintegração reservado ao silvícola. Com relação ao branco, podemos dizer que, de curioso observador do litoral, no século XVI, conseguiu a sua vitória definitiva em meados do Século XIX: as tribos indígenas estão agora exterminadas e ele é o único dono das terras da Banda Oriental.

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA y LARA, Eduardo F.

1956 — **Los Chaná-Timbues en la Banda Oriental.** Apartado del Museu de Historia Natural. Montevidéu, Uruguai.

1961 — **La Guerra de los Charrua en la Banda Oriental. Período Hispánico,** Impressores A. Monteverde y Cia. S.A. Montevidéu, Uruguai.

1969-1970 — **La Guerra de los Charrua en la Banda Oriental. Período Pátrio.** Impressores A. Monteverde y Cia. S.A. Montevidéu, Uruguai.

DIAZ, Antônio.

1812 — Apuntes. In: **Archivo General de la Nación.** Montevidéu, Uruguai.

LOPES DE SOUZA, Pero

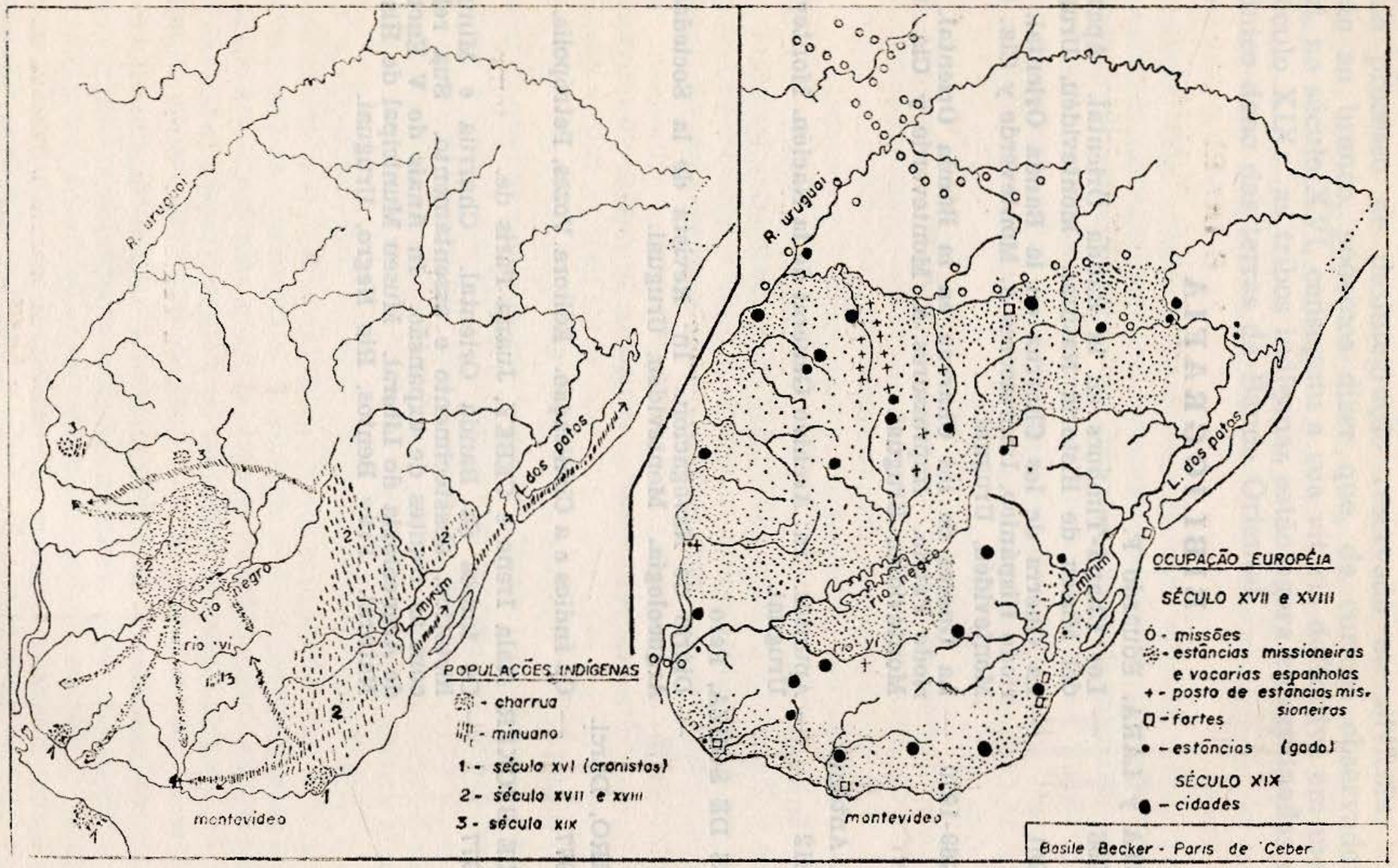
? — Diário de Navegación. In: **Revista de la Sociedad de Arqueologia.** Montevidéu, Uruguai.

RIBEIRO, Darci.

1977 — **Os índios e a Civilização.** Editora Vozes, Petrópolis, R.J.

BASILE BECKER, Ítala Irene e CEBEY, Juana Paris de.

1977 — Os índios da Banda Oriental. Charrua e Minuano: histórico, abastecimento e assentamento. Sua relação com as frentes de expansão. In **Anais do V Encontro de Arqueologia do Litoral.** Museu Municipal de História Natural. Fray Bentos, Rio Negro, Uruguai.



Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org